

**As igrejas inclusivas no Brasil.
Os casos da Igreja Cristã Inclusiva (ICI), de
Uberlândia/MG, e da Igreja Cristã Contemporânea
(ICC)**

**Inclusive churches in Brazil. The cases of Igreja Cristã
Inclusiva (ICI), of Uberlândia/MG, and of Igreja Cristã
Contemporânea (ICC)**

*Mara Regina do Nascimento*¹

*Vinicius Roesler Pereira*²

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU), Coordenadora Local do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (PPGEH/UFU), Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História em Rede Nacional (ProfHistória). mara.regina10@gmail.com

² Graduando no Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU). vinyroesler@gmail.com

RESUMO

Atualmente a comunidade evangélica corresponde a 31% da população brasileira, ao passo que os indivíduos LGBTQIA+ correspondem a 10%. Conhecidas por seus discursos moralizantes, homofóbicos e em defesa do arranjo tradicional de família, muitas congregações neopentecostais têm gerado tensões de ordem religiosa, social, política e cultural entre essas duas esferas da sociedade. Contudo, é interessante ressaltar que a existência de igrejas que se propõem a acolher a pluralidade das sexualidades e das identidades de gênero também é crescente dentro da vertente neopentecostal. Nossa pesquisa tem como enfoque a comparação entre dois tipos de igrejas evangélicas, as de caráter conservador e as de aspecto progressista/inclusivo, que possuem, elas próprias, as suas diferenças, como é o caso da ICI e da ICC, a Igreja Cristã Inclusiva e a Igreja Cristã Contemporânea. Interessa-nos problematizar a violência de gênero, as acomodações e as negociações estabelecidas, quando os conflitos ideológicos e a repressão a comportamentos são evidentes. Concluimos, pelas evidências trazidas por nossa pesquisa, que até mesmo no interior das igrejas inclusivas há diferenças no tratamento dos fiéis LGBTQIA+, confirmando o quanto a problemática de gênero não é campo pacífico, mas, antes, de conflito e contradições.

Palavras-Chave: História e religião; Diversidade religiosa; Igrejas Neopentecostais.

ABSTRACT

Currently, the evangelical community corresponds to 31% of the Brazilian population, whereas the LGBTQIA+ individuals correspond to 10% of the same population. Known for their moralizing and homophobic discourse defensive of the traditional familial arrangement, many Neo Pentecostal congregations have created tensions of religious, social, political and cultural magnitude between these two groups. However, it is interesting to highlight that the existence of churches that are willing to accommodate the plurality of sexualities and gender identities is also growing within the Neo Pentecostal strand. Our research had as a focal point the comparison between two types of evangelical churches, the ones of conservative disposition and the ones of progressive/inclusive disposition, that too possess, amongst themselves, their differences, as is the case with ICI and ICC, the Igreja Cristã Inclusiva (Inclusive Christian Church) and Igreja Cristã Contemporânea (Contemporary Christian Church). It interested us to problematize the established gender-based violence, accommodations and negotiations when the ideological conflicts and the repression of behaviors are evident. We conclude, via the evidence brought by our research, that even inside the inclusive churches there is differential treatment to the LGBTQIA+ believers, confirming how much the matter of gender is not a peaceful one, but instead filled with conflict and contradiction.

Key-words: History and religion; Diversity of religion; Neo Pentecostal Churches.

Iniciamos este texto, levando em conta, primeiramente, que, dada a diversidade de opiniões sobre múltiplos temas acerca de uma sociedade, é possível afirmar que as religiosidades, isto é, as formas de experimentar a religião, são também heterogêneas, tanto no contexto protestante, ou católico, como em quaisquer outras confissões religiosas. Neste sentido, concordamos com Sergio da Mata, ao afirmar que:

A religião nunca trata exclusivamente de “fé”, “santidade” ou “salvação”. Ela tende a ampliar seu campo de influência para as mais diversas esferas da vida, da sexualidade à política, estabelecendo ou pretendendo estabelecer a forma como os indivíduos devem agir em tal ou qual circunstância (MATA, 2010, p. 23).

Refletindo sobre a sexualidade e sua intrínseca relação com a religiosidade, Foucault (1999) aponta que, no Ocidente, a partir de meados do século XVI, a sexualidade passa a ser objeto de interesse da confissão pastoral católica, essencialmente de modo a reprimi-la, mas igualmente com o intuito de delimitar quais seriam as sexualidades que ganhariam *status* de normalidade e legitimidade. Estabeleceram-se como normais e socialmente aceitas, então, as relações heterossexuais monogâmicas, em que o ato sexual deveria objetivar, em primeira instância, a procriação. Definido esse padrão, as sexualidades e práticas sexuais divergentes foram, durante séculos, marginalizadas e perseguidas pela sociedade ocidental, sendo as instituições religiosas as que encabeçaram tal exclusão, seja na vertente católica, seja na protestante.

Mesmo considerando esse papel de substancial dominância da religião, é possível afirmar que as religiosidades são heterogêneas em suas matizes e configurações. As influências do mundo contemporâneo pesam nas mudanças ou na manutenção das diretrizes religiosas, conhecidas por serem mais refratárias às transformações sociais (OLIVEIRA, 2019). Assim, a questão da diversidade sexual

ganha lugar de destaque nesse debate, em especial no que concerne à população LGBTQIA+.

Em recente *editorial-manifesto*, Emerson José Sena da Silveira chamou de “transbordamento de fronteiras” os novos caminhos epistemológicos e conceituais abertos pelos campos de estudos da religião. Para Silveira, “a religião, ou as religiões, são evidências de identidades, atravessadas, remontadas, ressuscitadas, renovadas, desmontadas, que se espalham em novos espaços ou em antigos territórios” (SILVEIRA, 2017, p. 3), como a política, as questões de gênero, a família, entre outros. Os desafios contemporâneos são múltiplos e inesgotáveis e as reflexões acadêmicas sobre a religião acabam assumindo o compromisso de pautar fenômenos que não cessam de ampliar-se, “exigindo uma multi-competência hermenêutico-metodológica do pesquisador em teologia e ciências da religião” (Idem). Para Silveira, “as linhas de tensão entre as ordens deste mundo e as religiões caracterizam-se por invasões, ultrapassagens, concessões e adaptações, em um desenho multiforme caracterizado pela razão, pela emoção, pela corporeidade, pela magia” (SILVEIRA, 2017, p. 4).

Para a realização desta pesquisa, escolhemos fazer uma análise de duas igrejas inclusivas: a Igreja Cristã Contemporânea (ICC) e a Igreja Cristã Inclusiva (ICI), com sede na cidade de Uberlândia, Minas Gerais. A maior parte das informações sobre a ICC presentes neste texto baseou-se no artigo publicado por Marcelo Natividade (2010) e na monografia escrita por Fernanda Cruz (2018), tendo ambos realizado pesquisa de campo em sedes desta igreja na cidade do Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, respectivamente. Quanto a ICI, quase todas as informações a seu respeito foram colhidas em suas redes sociais, em grande parte devido à escassez de trabalhos acadêmicos publicados sobre ela, além do impedimento à realização de pesquisas de campo, dada a conjuntura pandêmica da Covid-19.

As igrejas inclusivas: na contramão de um cenário opressor

A religião se adapta às transformações sociais e cada indivíduo possui diferentes vivências religiosas. É assim que foram dadas as condições para que, em 1968, nos EUA, Troy Perry, que havia sido expulso de sua antiga congregação por ser gay,, fundasse a *Metropolitan Community Church* (MCC). Durante a sua internação no hospital, onde se recuperava de uma tentativa de suicídio, conta-se que teve uma visão na qual Deus lhe dizia para construir uma igreja que acolhesse pessoas como ele, pertencentes à comunidade LGBTQIA+. Autoproclamando-se reverendo, Perry elaborou uma *Teologia Inclusiva*, além de criar a MCC, a primeira igreja nesse segmento (CRUZ, 2018).

Tendo seu primeiro exemplar ao final dos anos 1960 com a construção da MCC por Troy Perry, o modelo de igreja inclusiva teve repercussão não somente no meio religioso, como no campo acadêmico, sobretudo entre as esferas que se dedicam a estudar as temáticas voltadas à religião e sua conexão com os estudos de gênero. Dessa maneira, buscando responder questões de cunho epistemológico, passou-se a investigar o que seria de fato uma igreja inclusiva.

Segundo Marcelo Natividade e Leandro de Oliveira (2009), igrejas inclusivas são aquelas que, em termos teológicos, leem de maneira diferente a condenação da homossexualidade, retirando o caráter pecaminoso atribuído à orientação sexual e interpretando-a como uma criação divina, uma benção. Para Aramis Luis Silva (2017), podem ser consideradas igrejas inclusivas as que têm por objetivo congregar pessoas que estão afastadas da vida cristã, por conta de moralidades que excluem suas sexualidades e suas identidades de gênero. Para Fátima Weiss de Jesus (2012), igrejas inclusivas são as que aceitam a população LGBTQIA+.

Dentro desse segmento, elas próprias se preocupam em deixar clara sua alteridade perante as demais congregações religiosas de aspecto tradicional. Na página do *Facebook* de uma dessas congregações, a Igreja Cristã Inclusiva (ICI), uma das igrejas analisadas mais à frente neste texto, se estabelece da seguinte maneira: “Somos uma família cristã unida sob o Nome de Jesus. cremos que a diversidade é um presente de Deus, por isso todos os seres humanos são bem-vindos” (IGREJA CRISTÃ INCLUSIVA – Uberlândia, *Facebook*, s.d., s.p.). Ainda nessa categoria, em seu *website*, a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), de Uberlândia (MG), fundada pelo pastor Marcos Gladstone e que iremos apresentar mais adiante neste artigo, se coloca como uma igreja “na contramão de um cenário opressor e um sistema religioso muitas vezes intolerante e alheio às necessidades das minorias” (site eletrônico da CONTEMPORÂNEA - IGREJA CRISTÃ, s.d., s.p.).

Essa preocupação em se diferenciar de congregações mais tradicionais vem, fundamentalmente, do aspecto mais conservador com que o meio pentecostal e neopentecostal, em sua maioria, trata as questões de identidade de gênero e sexualidade, não sendo incomuns manifestações de homofobia pastoral. Segundo a pesquisadora Fernanda Luzia da Cruz, há igrejas tradicionais que se dizem receptivas à comunidade LGBTQIA+, que, no entanto, impedem pessoas assumidas como tais de ascender na hierarquia sacerdotal, ou então somente as acolhem com a intenção de readequação moral. Como forma de justificar e legitimar essa abordagem dada à população LGBTQIA+, várias congregações se pautaram em interpretações literais e em versões distorcidas de trechos bíblicos, tornando-os homofóbicos, como, por exemplo, o excerto retirado de Levítico 20:13, muito utilizado em cultos de forma acusatória e com objetivos discriminatórios: “Se um homem se deitar com outro homem como quem se deita com uma mulher, ambos praticaram um ato repugnante. Terão que ser executados, pois merecem a morte” (BÍBLIA SAGRADA. *Antigo Testamento*: Levítico 20: 13).

Em oposição a essa assertiva homofóbica, Fernanda Cruz lembra que a “Teologia Inclusiva”, vinda do protestantismo, “herança de Lutero e Calvino”, tem como característica “uma abordagem que pretende evitar interpretações literais dos textos bíblicos e distanciar-se de um fundamentalismo religioso pentecostal” (CRUZ, 2018, p. 17). O trecho trazido acima se explicaria num contexto bastante específico, ligado a um tempo-espço que se refere ao universo das práticas culturais antigas do povo de Israel, atreladas ainda a tradições não cristãs, tais como a idolatria, a prostituição cultural e os sacrifícios sexuais a outros deuses, práticas, enfim, que passavam a ser condenadas pela nova religião monoteísta que crescia no mundo antigo. Fernanda Cruz, a esse respeito, lembra que não são às relações homoafetivas que o versículo Levítico 20:13 se refere, mas sim às condutas religiosas pagãs. A autora recorre ao pastor Marcos Gladstone, fundador da Igreja Cristã Contemporânea, que escreveu em 2008 o livro “A Bíblia Sem Preconceitos”, para nos alertar que:

O livro de Levítico não estava proibindo formas de relacionamento homoafetivo em amor (ou seja, o que hoje entendemos como homoafetividade), mas uma condenação a esta forma de adoração a outros deuses e também a esta forma de sacrifício idólatra, que se distanciava da adoração que se recomendava fazer ao Deus de Abraão. (GLADSTONE, 2008, p. 70. Apud CRUZ, 2018, p. 17).

Ao reinterpretar essa passagem, Fernanda Cruz afirma que, para Gladstone:

toda homofobia religiosa é resultante de uma operação de distorção da Palavra de Deus, a partir, fundamentalmente, da tradução errônea de duas palavras da língua grega e da construção de doutrinas homofóbicas pelas interpretações tendenciosas de alguns textos, como várias vezes já foram feitas na história e ainda se fazem em nossos dias (GLADSTONE, 2008, p.14. Apud CRUZ, 2018, p. 17).

Igrejas mais conservadoras que baseiam seus discursos e práticas nos parâmetros apenas heteronormativos, ou fundamentalistas, têm lançado mão de

formas distorcidas e discriminatórias de interpretação bíblica e produzem com isso um Deus preconceituoso e excludente. Igrejas mais abertas e inclusivas se dedicam a contradizer e amenizar os discursos restritivos e severos. O terreno das interpretações de trechos das escrituras será sempre de muitas disputas de narrativas.

Ao questionar as escrituras, ou lutar contra os binarismos e suas hierarquias, criar, fundar, abrir ou ingressar numa igreja inclusiva são claramente estratégias de subversão, visando romper, inverter e deslocar a lei paterna, na qual tem se inscrito as significações de gênero³ e de sexualidade com seus dualismos problemáticos.

Um breve histórico do cenário pentecostal e neopentecostal no Brasil

Tendo em vista o caráter dicotômico entre as igrejas inclusivas e as igrejas tradicionais, para compreendermos este panorama de maneira mais aprofundada, se faz necessária uma breve recapitulação histórica a respeito da fundação e consolidação do cenário pentecostal e neopentecostal brasileiro.

Segundo Ricardo Mariano (2004) e Oliveira (2019), podemos dividir o fenômeno pentecostal em três gerações de igrejas: a primeira geração encabeçada pela Congregação Cristã e pela Assembleia de Deus a partir do início do século XX; a segunda geração em vigor desde a década de 1950, protagonizada por congregações como a Igreja do Evangelho Quadrangular, a Brasil Para Cristo, a Deus é Amor e a Casa da Bênção; e finalmente, a terceira geração (ou neopentecostalismo), surgida em

³ As disputas por interpretações das narrativas bíblicas são recorrentes no universo religioso, sobretudo entre os pentecostais e neopentecostais, embora muito pouco presentes no cenário católico. Aqui neste texto, buscamos encontrar explicação para tais disputas na concepção de gênero analisada por Judith Butler, para quem “essas concepções têm precedentes cristãos e cartesianos, os quais, antes do surgimento da biologia vitalista no século XIX, compreendiam ‘o corpo’ como matéria inerte que nada significa, ou mais especificamente, significa o vazio profano, a condição decaída: engodo e pecado, metáforas premonitórias do inferno e do eterno feminino (BUTLER, 2018, p. 220).

fins dos anos 1970, tem como principais expoentes a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra e a Renascer em Cristo.

Surgidas respectivamente em 1910 e 1911, a Congregação Cristã e a Assembleia de Deus foram fundadas por europeus batizados no pentecostalismo norte-americano (OLIVEIRA, 2019). Ambas se destacam por uma tradição anticitolicista, que possuía maior força no contexto de sua fundação, quando o catolicismo era religião quase hegemônica no Brasil. Além disso, são demarcadas pelo dom de línguas (glossolalia), por um sectarismo radical caracterizado pelas rígidas normas de vestimenta, como também pelo ascetismo de rejeição ao mundo, isto é, a renúncia a quase tudo que não faça parte de uma cultura religiosa (MARIANO, 2004). Contudo, enquanto a Congregação Cristã permanece com fortes traços sectários e praticamente isolada das demais instituições pentecostais, a Assembleia de Deus, desde a década de 1980, vem aos poucos tentando se adaptar ao mundo contemporâneo (OLIVEIRA, 2019).

A segunda geração, por seu turno, emerge a partir de 1953 quando dois missionários estadunidenses fundam uma sede brasileira da *International Church of the Foursquare Gospel* (Igreja do Evangelho Quadrangular, em português) durante a Cruzada Nacional de Evangelização em São Paulo. A partir disso, surgem igrejas com características semelhantes entre as décadas de 1950 e 1960 como as supracitadas Deus é Amor, Brasil Para Cristo e Casa da Benção. São notórias nessas congregações uma teologia fortemente associada à cura divina, à introdução e ao intenso uso do rádio⁴ como ferramenta proselitista e pregações itinerantes ocorridas em tendas de lona (MARIANO, 2004). Oliveira (2019) aponta ainda que foi nessa vertente em que ocorreu maior abertura às lideranças femininas, visto que a *International Church of the*

⁴ Observa-se que, não por acaso, no mesmo período, particularmente no ano de 1958, em Natal, no Rio Grande do Norte, a Igreja Católica também se lançava em um projeto que utilizava o rádio como meio de comunicação com os fiéis.

Foursquare Gospel, por exemplo, foi construída por Aimee McPherson, em 1927, nos EUA.

Já os neopentecostais tiveram como pontapé inicial a inauguração da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em 1977, tendo sido a primeira das gerações pentecostais instaurada por pastores brasileiros. A doutrina neopentecostal é fortemente marcada por uma espécie de guerra contra o Diabo e também pela teologia da prosperidade, que estabelece o fiel como uma figura vitoriosa em seus empreendimentos terrenos. É ainda a linha pentecostal mais liberal, na qual há a supressão de traços sectários, de modo que os crentes possam desfrutar de um universo que não seja exclusivamente religioso. Contudo, mesmo sendo a corrente mais flexível, no neopentecostalismo, em maior escala, ainda existe o veto ao consumo de drogas (lícitas ou ilícitas), ao sexo extraconjugal e, no que concerne aos interesses dessa pesquisa, às relações homoafetivas (MARIANO, 2004).

Ainda de acordo com Mariano (2004), as igrejas pentecostais, em especial as neopentecostais, souberam aproveitar o cenário brasileiro das décadas de 1980/90 em benefício próprio, se expandindo em grandes proporções: nessa época, o Brasil passava por um contexto de crises sociais e econômicas, grande número de desempregados e um progressivo aumento nos índices de criminalidade e violência, de maneira que essas congregações se apresentaram como alternativas para aliviar os sofrimentos causados pela conjuntura socioeconômica. Além disso, outros fatores que auxiliaram tal expansão foram: o gradual declínio da religião católica, ainda que discreto nesse período, propiciando a migração de fiéis para igrejas evangélicas; a rápida difusão dos meios de comunicação de massa, ferramentas essenciais ao proselitismo; e a abertura política por conta da redemocratização, de modo que membros dessas igrejas adquiriram grande influência política, não ao acaso ocupando hoje 84 cadeiras do Congresso Nacional (TAVARES, 2018, s.p.).

No entanto, não foi apenas após 1985 que a participação dos evangélicos na cena pública brasileira pode ser comprovada. Adroaldo José Silva Almeida demonstra que,

durante a ditadura civil-militar brasileira, ocorrida no percurso dos anos de 1964 a 1985, os evangélicos e o poder político já se articulavam, na medida em que esses grupos religiosos, sobretudo a Assembleia de Deus, a Igreja Presbiteriana, a Batista e a Metodista do Brasil, se sustentavam por valores tradicionais da cultura política da ditadura, como o autoritarismo e o clientelismo. (ALMEIDA, 2016, pp. 20-25). Para o autor, a cultura política evangélica desse período se caracterizou, majoritariamente, pelo conservadorismo, de fundo moral e religioso, não sendo a ética social um instrumento de orientação política, mas sim o moralismo e o fundamentalismo religioso. A intolerância e a intransigência seriam, para Almeida, características históricas do protestantismo, realçadas pela realidade brasileira da ditadura (ALMEIDA, 2016, p. 27).

As igrejas Inclusivas e o movimento LGBT nos EUA e no Brasil

Assim como apresentamos um breve histórico das congregações mais tradicionais, precisamos igualmente voltar nosso olhar uma vez mais para o nosso principal objeto de estudo: as igrejas inclusivas. Como a história dessas igrejas se entrelaça à história do Movimento LGBTQIA+ contemporâneo, é necessário, primeiramente, que nos atentemos a um dos seus eventos fundadores: a Rebelião de Stonewall.

Na cidade de Nova York, em 28 de junho de 1969, durante uma batida policial teve início o episódio que ficou conhecido como Rebelião de Stonewall. Naquela noite, os clientes do *Stonewall Inn*, bar frequentado essencialmente por LGBTs, se revoltaram contra a recorrente repressão policial, o que culminou em manifestações sequenciais, que duraram semanas e abrangeram boa parte de Nova York. Como consequência desses protestos, surgiu a *Gay Liberation Front*, uma entidade militante pró-LGBTQIA+,

que por sua vez influenciou todo o Movimento LGBTQIA+ contemporâneo, não somente nos EUA, mas no mundo todo (APOLINÁRIO et al., 2019).

Enquanto isso, do outro lado do país, com diferença de apenas um ano, em 1968, Troy Perry fundava em Los Angeles a *Metropolitan Community Church* (MCC). Como citado anteriormente, por ter sido expulso de sua antiga congregação de caráter mais conservador, Perry tinha a intenção de criar um ministério para gays, lésbicas, bissexuais e transexuais no contexto de uma vida cristã, sem que houvesse qualquer repressão por conta de suas sexualidades não-normativas. Com o tempo, devido à expansão da congregação, é estabelecida a Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana, que levou a MCC para mais de 40 países, incluindo o Brasil (CRUZ, 2018).

Devido à quase simultaneidade dos eventos, Fátima Jesus (2012) destaca que se na costa leste o Movimento LGBTQIA+ norte-americano foi influenciado mais fortemente pela Rebelião de Stonewall, na costa oeste houve notoriamente maior peso o surgimento da MCC. Em relação ao Brasil, de acordo com Mott (2006), podemos definir três momentos das igrejas inclusivas: o primeiro ocorrido no início dos anos 1990, o segundo a partir da metade dessa mesma década e o terceiro a partir do começo do século XXI.

O primeiro movimento em direção a um evangelho inclusivo em território nacional não partiu de uma igreja inclusiva propriamente dita, mas de algumas poucas igrejas evangélicas já estabelecidas no Brasil. O exemplo mais notável é o da Igreja Bethesda, no Rio de Janeiro, cujo líder, o pastor Nehemias Marien, em 1993, causou polêmica no meio evangélico, ao alegar ser favorável à inclusão de LGBTQIA+s em seus cultos, sem exigir quaisquer mudanças relacionadas às suas sexualidades, de maneira que a denominação passou a ser frequentada por membros dessa população (BARROS, 2020).

Já entre 1996/97, o CAEHUSP (Centro Acadêmico de Estudantes de História da USP) e a ONG CORSA (Cidadania, Orgulho, Respeito, Solidariedade e Amor) se

empenharam em desenvolver uma série de seminários, palestras e debates com temáticas que abrangiam questões como direitos humanos, homossexualidade e preconceito nas igrejas. Foi justamente num destes eventos que uma clériga estadunidense da MCC foi convidada como palestrante, proporcionado, então, o primeiro contato desses grupos com a Teologia Inclusiva em si. Criou-se, assim, a partir desses encontros, a Comunidade Cristã Gay no Brasil, um pequeno coletivo que, mais tarde, foi responsável por ordenar os primeiros pastores gays do país: Elias Lilikan, Victor Orellana e Luiz Fernando Garupe (CRUZ, 2018).

Avançando para o início da década de 2000, temos a criação e expansão, mesmo que lenta, de igrejas inclusivas no Brasil, tais como a Igreja Cristã Evangelho Para Todos, a Igreja da Inclusão, a Igreja Inclusiva e o Movimento Espiritual Livre. Ainda entre 2002 e 2004 houve a implementação da MCC no Brasil, a maior e mais consolidada igreja inclusiva do mundo. Contudo, aqui, a congregação ganhou uma tradução em seu nome, sendo batizada de Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) (CRUZ, 2018). Em 2006, o pastor Marcos Gladstone rompe com a ICM e funda a Igreja Cristã Contemporânea (ICC), que, posteriormente, se tornaria a maior igreja inclusiva em território nacional (NATIVIDADE, 2010).

A Igreja Cristã Contemporânea e a Igreja Cristã Inclusiva

A ICC foi fundada pelo pastor Marcos Gladstone em 2006 após um cisma religioso com a ICM. Sobre essa questão, Marcelo Natividade (2010) manteve contato com um pastor da então recém-fundada ICC, e, após esses diálogos concluiu que, para os membros da ICC,

o modelo ideal era o de uma igreja com pouca doutrina e teoria, mas muita espiritualidade; almejava-se com isso a construção de um ambiente no qual o fiel homossexual tivesse conforto e orientação. O pastor apontou que as igrejas que mais cresciam no Brasil não

possuíam doutrina, como a Universal do Reino de Deus. Assim, uma igreja inclusiva deveria ser uma “igreja comum”. Era preciso se livrar do estigma de ser uma “igreja homossexual” (NATIVIDADE, 2010, p. 97).

Parece-nos que isso demonstra que a ICC, mesmo sendo uma congregação que se encaixe nos parâmetros daquilo que consideramos uma igreja inclusiva, ainda assim tenta se aproximar do que seria uma igreja de caráter mais conservador e tradicional, uma vez que deseja se integrar a um cenário religioso mais abrangente e não ser rotulada de maneira unidimensional, como uma “igreja homossexual”. Pela perspectiva da ICC, a ruptura com a ICM foi necessária, pois suas lideranças “(supostamente) teriam por estratégia criar espaços exclusivamente gays. A ICM era tida como ‘coisa de americano’, que fazia ‘igreja para gay’, ‘igreja para negros’.” (NATIVIDADE, 2010, p. 96).

Assim, Marcelo Natividade (2010) e Fernando Cruz (2018) destacam que, com a preocupação em se apresentar como uma “igreja comum”, a ICC preza pela manutenção de padrões morais aceitos pelas igrejas tradicionais, como, por exemplo, a monogamia e a reprovação à prática sexual casual:

A preocupação da igreja em não ter sua imagem ligada a um “ponto de encontro” [amoroso entre LGBTs] está associada à preocupação de que seus membros tenham uma postura séria e cristã, uma homossexualidade santificada [...]. E essa homossexualidade santificada, associada à família, é apresentada desde o primeiro contato com a ICC (CRUZ, 2018, p. 45).

Em relação a não ser taxada como uma “igreja gay”, podemos dizer que, segundo os apontamentos de Cruz (2018), a ICC teve parcial sucesso, uma vez que em sua pesquisa de campo a autora descreve um culto dominical lotado, tendo a participação de indivíduos e de famílias heteronormativas. Além disso, Cruz (2018) e Natividade (2010) notam que os cultos são pouco orientados às noções de sexualidade, isto é, o assunto praticamente não é mencionado, o que em certa medida é proposital,

dado o alcance que a denominação deseja ter com o público em geral e à oposição às diretrizes de sua antiga matriz, a ICM. Não obstante, mesmo implicitamente, a ICC ainda cobra dos homens uma postura de comportamento masculinizada e das mulheres, o contrário, justamente para demonstrar que seus crentes seguem os padrões de gênero aceitos e desejáveis pela sociedade (NATIVIDADE, 2010).

Mesmo tendo fiéis fora do meio LGBTQIA+, a maioria dos crentes da ICC ainda é constituída por esse grupo. A maior parcela frequente na ICC é formada por homens gays, seguido de mulheres lésbicas e um número muito pequeno de travestis e indivíduos transgênero (NATIVIDADE, 2010). A respeito desses últimos, ao entrevistar Davi (nome fictício), membro da ICC de Belo Horizonte, Cruz revela:

Em relação a este público, Davi me contou que há uma dificuldade, pois muitos da população trans que a igreja tenta alcançar com a evangelização ainda trabalham com a prostituição no mesmo horário dos cultos, que são realizados às 19 horas. Segundo Davi, a igreja não estava ali para julgar a prostituição dos transexuais, esse não era o papel da Igreja, mas sim encontrar formas de tirar esses transexuais dessa situação de rua e de trabalho (CRUZ, 2018, p. 37).

Como demonstra Cruz, uma das ações da ICC nesse sentido foi o *workshop* “De Trans para Trans”, no qual mulheres transgênero organizaram palestras e oficinas para outras do mesmo grupo, tendo como intuito apresentar diferentes caminhos profissionais possíveis para essa comunidade, alinhados aos ideais de moralidade propostos pela ICC.

Reproduzimos abaixo, apenas com o intuito ilustrativo, o material produzido pela ICC, de Belo Horizonte/MG, postado em uma de suas redes sociais, sobre o evento ocorrido em 2017.

1º Workshop:

DE TRANS PRA TRANS

VOCÊ É NOSSA(O) CONVIDADA(O)
ESPECIAL

Domingo, 27 de agosto de 2017

Hora: 08:30 as 12:30

Rua dos Tupis 1.752

Barro Preto, Belo Horizonte/MG

**A inscrição é gratuita para 60
participantes e dará direito à todas
as nossas palestras e
atrações do evento.**

**Confirme sua presença pelo e-mail:
worktrans2017@uol.com.br e/ou pelo
WhatsApp: (31) 97358-1664 (Cheila) ou
(31) 99267-5478 (Flávia)**

TEMAS

1º Workshop

DE TRANS PRA TRANS

- >> Auto Estima e Bem Estar**
Palestrante: Leandrinha Du Art (Trans)
- >> Superação**
Palestrante: Julia Ferreira (Trans)
- >> Vida com Deus**
Palestrante: Maria Eduarda Barcelos (Trans)
- >> Capacitação e Renda**
Palestrante: Cheila Silva (Trans)



08h30 - 09h00 - Credenciamento
09h15 - 09h20 - Abertura
09h20 - 09h50 - Palestra 1: Superação
(*Diác. Júlia Ferreira*)
09:50 as 10:20 - Palestra 2: Capacitação e Renda
(*Irmã Cheila Silva*)
10:20 as 10:40 - Coffee Break (*Grupo Rute*)
10:50 as 11:00 - Monólogo Ele vive
(*Irmã Adelita Siqueira*)
11:00 as 11:30 - Palestra 3: Vida com Deus
(*Obr. Maria Eduarda*)
11:30 as 12:30 - Palestra 4: Auto Estima e Bem Estar
(*Leandrinha*)
Considerações Finais (*Pastora Sheila*)
Agradecimentos e Homenagem (*Obr. Fábio Paz*)

PALESTRANTES



Julia Ferreira (Trans) - 42 anos

Nascida na cidade de Belo Horizonte em Minas Gerais. Talentosa Cabelereira, atualmente é Diaconisa e líder do Ministério da Intercessão da Igreja Cristã Contemporânea de Belo Horizonte.



Maria Eduarda Barcelos (Trans) - 38 anos

Nascida na cidade na cidade de São Gonçalo no estado do Rio de Janeiro. Talentosa Cabelereira, atualmente é obreira da Igreja Cristã Contemporânea da cidade de Niterói- RJ.



Leandrinha Du Art (Trans) - 22 Anos

Nasceu e cresceu na cidade de Passos, Minas Gerais. Vinda das nascentes, em terra de águas correntes, serras e cachoeiras, a sereia Leandrinha dedica-se hoje a lutas pelas causas LGBT e PCD's como mulher, Transexual e Cadeirante se tornou símbolo de grandes lutas inspirando pessoas do mundo todo. É Midialivista, Artivista, Fotógrafa, Produtora, Blogueira no "Leandrinha Du Art - Por Debaixo das Águas" e Presidenta da Associação das Pessoas Portadoras de Deficiência de Passos (MG).



Cheila Silva (Trans) - 38 anos

Nascida na cidade de Três Marias nas Serras de Minas Gerais. Talentosa Artesã e Pintora descobriu no artesanato a maior de todas as artes e fez dessa profissão a sua arte de viver. A arte não é somente um trabalho manual, mas sim uma transmissão de sensações boas e terapia ocupacional.



Eli Ribeiro - 34 anos

Servidora pública, bacharel em Direito e membro da Comissão de Ética. Mineira e moradora de Belo Horizonte/MG.

Imagens de divulgação do evento. Disponível em:
<https://www.facebook.com/ContemporaneaBH/posts/1380794272040952>. Acesso em 09 nov. 2021.

Alguns dos locais de maior busca por novos fiéis da ICC são as Paradas do Orgulho LGBTQIA+, ocorridas em diversas cidades do país, como também bares e boates voltados a esse público. Saunas, sex shops e clubes de sexo, que igualmente são frequentados por parcela dessa comunidade, não são vistos como bons lugares ao proselitismo, dada a reputação pela qual a ICC pretende zelar (NATIVIDADE, 2010). Mesmo investindo nessa estratégia, a ICC é predominantemente constituída por LGBTs que participavam previamente de um universo religioso e que não eram aceitos em suas antigas denominações, sendo raros os casos de evangelização daqueles que não frequentavam outras igrejas no passado. A maioria dos membros descobriu a ICC em redes sociais, a maior ferramenta proselitista dessa congregação (CRUZ, 2018).

Atualmente, segundo o *website* da ICC, a igreja conta com dez templos: sete no estado do Rio de Janeiro, um em São Paulo, um em Minas Gerais e outro na Bahia (NOSSAS IGREJAS, site eletrônico da Igreja Cristã Contemporânea, s.d., s.p.). Apesar de não se considerar uma igreja pentecostal ou neopentecostal, sabe-se que em seus cultos há características que demonstram o inverso, sendo recorrentes um forte clamor pelo Espírito Santo e glossolalia entre os crentes (CRUZ, 2018).⁵

A ICI, por sua vez, foi fundada em 2017 pelo bispo Marcos Reis. De menor tamanho, a congregação possui apenas uma sede, localizada em Uberlândia, Minas Gerais. Uberlândia é uma cidade de porte médio, com população estimada em 706 mil habitantes, sendo o município mais populoso da região do Triângulo Mineiro e do interior de Minas, além de ser o quarto município com maior população do interior do Brasil.

Em relação à política local, considerando apenas a década de 1960 até os anos 2000, a maior parte dos prefeitos eleitos, ou nomeados, eram de partidos de direita (PR, UDN, Arena, PDS, PTB), com curtos intervalos para alguns partidos de centro (PMDB entre 2001 e 2004) e de esquerda (PT entre 2013 e 2016), até chegar ao atual prefeito de extrema direita, Odelmo Leão (PP), hoje no seu quarto mandato, com forte apoio popular e reeleito, nas eleições de 2020, em primeiro turno, com 70,47% dos votos válidos. Nos últimos anos, a cidade assumiu uma face notadamente conservadora e de direita. O presidente da República (2018-2022), Jair Bolsonaro, era aliado político de Leão e recebeu grande apoio popular em suas visitas à cidade.

⁵ Não podemos deixar de registrar que, historicamente, o estado de Minas Gerais é representativo do catolicismo brasileiro, cuja força está gravada em suas incontáveis igrejas, construídas desde o período colonial - sobretudo em cidades históricas como Ouro Preto, Mariana, Sabará, São João Del Rei, Diamantina - , ou se manifesta no fenômeno contemporâneo das romarias a pé, por quilômetros de estradas, que concentram fiéis todos os anos - como, por exemplo, quando se comemora o dia de Nossa Senhora da Abadia, na cidade de Romaria, que reúne católicos de cidades vizinhas, como Araxá, Araguari, Uberaba, Uberlândia e Belo Horizonte.

É em meio a esse contexto – numa cidade onde grande parte de seus moradores e a classe política dirigente flertam com ideias de extrema direita, voltadas à homofobia, misoginia, racismo e apologia à repressão policial – que a Igreja Cristã Inclusiva (ICI) de Uberlândia emerge, resiste e luta por seu espaço.

Em vídeo postado no canal da ICI no YouTube, em 2021, o bispo de Uberlândia, Marcos Reis, debate as dificuldades encontradas por muitos LGBTQIA+ em conciliar a fé cristã com sua sexualidade, de modo a demonstrar como essa é uma possibilidade na ICI (TEOLOGIA INCLUSIVA DESCOMPLICADA, *YouTube*, 2021, s. p.). Semelhante a Troy Perry e Marcos Gladstone, Reis argumenta que vários textos da bíblia sofrem alterações de seu sentido original, são mal interpretados ou traduzidos de forma errônea, justamente com a intenção de estar em conformidade com um universo religioso tradicionalmente homofóbico. Ou seja, a ICI, ao apresentar tais contradições, assim como a ICC, deixa bem clara sua missão: ser uma igreja na contramão de um cenário opressor.

Além disso, no mesmo vídeo, as falas de Reis indicam, mesmo que de maneira implícita, algumas das diretrizes da ICI, tais como, a apreciação da monogamia como forma ideal de relacionamento; a reprovação ao sexo descompromissado; a prostituição como profissão imoral; e o uso frequente do termo “homoafetivo”, para evitar o radical “sexual” em “homossexual”, o que Cruz (2018) e Natividade (2010) demonstram ser recorrente também na ICC.

Por outro lado, a ICI faz críticas à heteronormatividade presente não somente nas igrejas tradicionais, mas também em outras denominações inclusivas, como vimos a respeito da ICC. Em um culto publicado na página do *Facebook* da ICI (CULTO Louvor e Adoração. Igreja Cristã Inclusiva – Uberlândia. *Facebook*. 15 set. 2019), Reis esclarece seu descontentamento com fiéis que julgam outros por serem homens “afeminados” ou mulheres “masculinizadas”. Tal discussão, presente num culto, pode ser novamente capaz de demonstrar outra diferença entre a ICI e a ICC: enquanto a

primeira faz menção à diversidade de identidades de gênero e de orientações sexuais em sua pregação, a segunda, como apontado por Cruz (2018), nem ao menos as cita.

Embasando-nos em informações presentes em redes sociais, foi possível conjecturar que o público da ICI é similar ao da ICC: maioria LGBTQIA+, com a frequência maior de pessoas heteronormativas. Tal dedução ocorre com base, sobretudo, em análise preliminar dos materiais de divulgação.⁶ Como a maioria das igrejas inclusivas tem público predominantemente LGBTQIA+, intuímos que essa é também uma congregação cujo alvo é o público excluído das igrejas conservadoras pelas suas orientações sexuais não-heteronormativas. As imagens que reproduzimos abaixo, apenas com objetivo ilustrativo e não de análise crítica iconográfica, nos permitem perceber que os temas eleitos para aulas, cursos, palestras e sessões de cinema têm claramente a intenção de serem contrapontos e contestação aos temas tradicionais das igrejas não inclusivas.



Imagem de anúncio sobre conferência bíblica na ICI. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bt1hfyGH7vL/>. Acesso em 12 nov. 2021.

⁶ Faz-se necessário esclarecer que, quando nossa pesquisa foi realizada e este texto foi produzido, a pandemia de Covid-19 impossibilitou que realizássemos uma ida a campo para visitar a ICI, onde pudéssemos assistir a um culto *in loco*, ou entrevistar seus fiéis, fator que infelizmente dificultou um estudo mais preciso a respeito dos crentes que frequentam a denominação.



Imagem de divulgação do Cine ICI, usual sessão de cinema promovida pela ICI com a exibição de filmes religiosos. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B7YWOYGlgUN/>. Acesso em: 12 nov. 2021.



Imagem de divulgação da Escola Bíblica Online com a temática “Grandes Mulheres na História da Igreja”. Disponível em:

<https://www.facebook.com/igrejacristainclusiva/photos/a.605128053201029/1368532983527195/>. Acesso em: 12 nov. 2021.



Imagem de divulgação da Escola Bíblica Online com a temática “O Racismo na Igreja”. Disponível em: <https://www.facebook.com/igrejacrstainclusiva/posts/1382065058840654>. Acesso em: 12 nov. 2021.

Os cultos da ICI ocorrem duas vezes por semana: aos sábados acontecem os cultos de Celebração, às 17h, enquanto aos domingos têm-se os cultos de Louvor e Adoração, às 19h. Além das pregações semanais, a ICI promove uma série de atividades como: conferências bíblicas; o Cine ICI, onde ocorre a exibição de filmes com temática religiosa; e a Escola Bíblica Online, na qual há discussões de diversos assuntos, como o papel da mulher dentro das igrejas e o racismo no cenário religioso.

Mesmo fazendo parte de um mesmo segmento, a ICC e a ICI possuem não somente semelhanças, mas divergências a respeito de variadas temáticas. Isso demonstra, fundamentalmente, a existência de diversidade e de heterogeneidade das igrejas inclusivas, de modo que é necessário o cuidado em não as representar como homogêneas.

Narrativas sobre a diversidade sexual no âmbito religioso: um campo de disputas

Como apontado por Thiago Coatti e Diego Paz (2013):

O cenário político brasileiro atual suscita inúmeras controvérsias onde os temas religião e sexualidade se entrelaçam. A religião aparece principalmente protagonizada por diferentes personalidades da sociedade civil e da política nacional que enunciam um discurso dentro de uma ordem tradicional cristã fundamentalista que situa a sexualidade na direção cujo sentido vai totalmente se coadunar com a lógica heteronormativa, que institui a heterossexualidade como norma a ser seguida e ideal de normalidade a ser alcançado. As demais expressões da sexualidade, não-heterossexuais, são ditas desviantes e consequentemente patologizadas, quando analisadas sob a ordem desse discurso (COATTI; PAZ, 2013, p. 1).

As igrejas pentecostais, essencialmente as neopentecostais, seguem uma lógica de atuação do Diabo na vida dos indivíduos. Tal figura supostamente estaria de maneira constante tentando desviar o ser humano do caminho da “salvação” e para isso aplicaria às vidas das pessoas uma série de enfermidades e distúrbios de caráter espiritual, levando-as a fugir da “normalidade”, de modo que uma dessas fugas seria a homossexualidade (AVIZ, 2019).

A denominação evangélica, mais do que a católica, quase como um todo, age como instituição insistente e incisiva na regulação dos corpos e dos atos humanos, seja entre seus fiéis ou terceiros, dada a influência política atribuída a alguns que participam deste grupo. Assim, não é surpreendente que a maioria dos movimentos evangélicos, ou representantes deles, tenha códigos de intervenção a comportamentos e ações que consideram inapropriados, de modo a fazer a promoção de curas e a eliminação de doenças espirituais e físicas (AVIZ, 2019).

Como um exemplo empírico, vale citar uma notícia do G1, datada de 2013 (TORRES, 2013, s. p.), cujo conteúdo revela que a Comissão de Direitos Humanos,

comandada por Marcos Feliciano, pastor de igreja afiliada à Assembleia de Deus, havia aprovado um projeto que propunha a patologização da homossexualidade e, portanto, uma consequente “cura gay”. Outro exemplo pode ser encontrado no canal do YouTube da IURD, no qual há o testemunho de uma suposta “ex-lésbica”, que alega uma “salvação” de sua vida infeliz por intermédio da igreja, associando tais infortúnios a seu passado como LGBTQIA+ (IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS, *YouTube*, 2019, s. p.).

As narrativas sobre a diversidade sexual no âmbito religioso apontam para um campo de disputas. Isso fica evidente quando, por exemplo, a ICC, uma igreja que se propõe a ser um espaço seguro à população LGBTQIA+, se torna alvo de intolerância de demais congregações religiosas. Em sua monografia, Cruz (2018) narra um episódio em que membros de uma denominação religiosa tradicional passaram a orar em frente à sede da ICC para “expulsar os demônios”. A autora também destaca que a ICC nunca é convidada a participar da Marcha para Jesus, evento organizado anualmente pela Renascer em Cristo e, além disso, relata:

Diferente da *Metropolitan Community Church*, que é aceita no Conselho Pastoral norte americano, os pastores das igrejas inclusivas no Brasil não são aceitos no Conselho de Pastores Nacional, como Davi me informou. Entrei em contato com o Conselho de Pastores de Minas Gerais para entender melhor a motivação da instituição e a justificativa para não reconhecerem pastores de igrejas inclusivas como tais, mas até o momento em que escrevo essas linhas [2018] não recebi nenhuma resposta sobre o assunto (CRUZ, 2018, p. 43).

Contudo, é preciso notar que há uma parcela do público LGBTQIA+ que escolhe frequentar as igrejas tradicionais. Para conviver nesses espaços, tais fiéis seguem variados códigos de conduta:

Do uso constante da bíblia à vestimenta, tudo é pensado com muita cautela, afinal, segundo análise empírica, as roupas e acessórios

representam a própria presença de Deus na vida de sujeito que se denomina evangélico. Pesando nisso, não obstante, os homossexuais que entram nessas instituições aderem ao uso da indumentária evangélica para somente não serem percebidos, como também serem aceitos e acolhidos, mesmo diante dos bloqueios a eles criados (AVIZ, 2019, p. 19).

Em seu artigo, Aviz deixa ainda mais clara essa relação ao expor um trecho da fala de Jhon (nome fictício), membro gay da Assembleia de Deus: “Contando que eu reproduza todo o comportamento dos demais membros, posso ir à igreja e fazer a minha oração, sem que haja qualquer problema com isso” (2019, p. 20).

Considerações Finais

Como afirmado por Sérgio da Mata, a religião abarca e afeta todas as esferas da vida humana, seja de maneira direta ou indireta, sendo o tema das identidades de gênero e da sexualidade em sua diversidade uma dessas esferas. Assim, considerando a religiosidade como algo particular, vimos que foi justamente dela, com Troy Perry, por exemplo, que se deu início às instituições que ficariam conhecidas como igrejas inclusivas.

Este artigo procurou demonstrar que, mesmo entre as igrejas inclusivas, há diferenças no tratamento dos fiéis LGBTQIA+, ainda que sutis. Vimos igualmente os contextos históricos que propiciaram o surgimento e a expansão tanto das igrejas pentecostais tradicionais, quanto das denominações inclusivas, de modo a nos dar embasamento para discutir os constantes embates e negociações presentes no âmbito religioso.

As igrejas inclusivas se tornaram um farol para os LGBTQIA+, essencialmente aqueles que em suas antigas congregações sofriam os mais variados tipos de violência simbólica e psicológica, mas que ainda assim desejavam participar de uma vida religiosa e expressarem sua fé. Dessa maneira, essas igrejas demonstram-se pilares de

resistência, ativismo e acolhimento não somente a seus fiéis, mas também a toda a comunidade excluída das igrejas tradicionais, que condenam seus modos de vida, seus corpos, suas ideias e liberdades sexuais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **“Pelo Senhor, marchamos”**: os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Niterói, 2016. 310 p. (Tese de Doutorado em História), Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia.

APOLINÁRIO, Eleonora Beatriz Ramina et al. **As representações do movimento de Stonewall nos Estados Unidos (1969): Stonewall - A Luta Pelo Direito de Amar (1995) e Stonewall: Onde o Orgulho Começou (2015)**. Epígrafe. São Paulo, v. 7, n. 7, p. 97-108, 2019.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/epigrafe/article/view/154048/155550>. Acesso em: 6 jul. 2021.

AVIZ, Alan Silva de. **Sexualidade e Religiosidade: Um estudo sobre a frequência de homossexuais em igrejas evangélicas de Belém**. Ciências Sociais e Religião. Campinas, v. 21, p. 1-25, 2019. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/csr/article/download/12651/8030/>. Acesso em: 05 set. 2021.

BARROS, Andréa Kelmer de. **Igrejas “inclusivas” como espaços para a luta LGBT**. Vozes dos Vales. Diamantina, ano 9, n. 17, p. 1-21, 2020. Disponível em: <http://site.ufvjm.edu.br/revistamultidisciplinar/files/2020/06/Andrea.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2021.

BÍBLIA SAGRADA ONLINE. **Antigo Testamento**. Gênesis 19: 1-29. Disponível em: https://www.bibliaon.com/genesis_19/. Acesso em: 17 mar. 2021.

BILENKY, Thais. **A receita do colapso. Como uma cidade distribuiu hidroxicloroquina de graça, flexibilizou isolamento e viu mortes se multiplicarem**. Revista Piauí. 17 de março de 2021. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/receita-do-colapso/>. Acesso em 27 abr. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018. [Recurso digital – Ebook Kindle]

COATTI, Thiago; PAZ, Diego. **Igrejas neo-pentecostais inclusivas como estratégia de resistência ao discurso religioso tradicional anti-homossexualidade**. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero. N. 10, 2013, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. p. 1-11. Disponível em: http://www.fg2013.www2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373330217_A_RQUIVO_coatti-paz-texto-completo.pdf. Acesso em: 03 ago. 2021.

CONTEMPORÂNEA. **Igreja Cristã Contemporânea**. Site Eletrônico. Disponível em: <https://www.igrejacontemporanea.com.br/sobre>. Acesso em: 28 ago. 2021.

CRUZ, Fernanda Luzia da. **Sorria, Jesus te aceita! Um estudo sobre a Igreja Cristã Contemporânea de Belo Horizonte**. 2018. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22929/3/SorriaJesusAceita>. Acesso em: 2 ago. 2021.

CULTO Louvor e Adoração. **Igreja Cristã Inclusiva – Uberlândia**. Facebook. 15 set. 2019. 1h40min39s. Disponível em: <https://fb.watch/9HDXw04IdB/>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade – Vol. I. A vontade de saber**. 13ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

IGREJA CRISTÃ CONTEMPORÂNEA. Site Eletrônico. Disponível em: <https://www.igrejacontemporanea.com.br/sobre>. Acesso em: 28 ago. 2021.

IGREJA CRISTÃ INCLUSIVA – Uberlândia. **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com/igrejacristainclusiva/about>. Acesso em: 28 ago. 2021.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. Impressionante! Ex-lésbica conta como mudou de vida! Igreja Universal. **Youtube**. 22 jan. 2019. 09min57s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zi4Ua7rIpS8>. Acesso em: 20 out. 2021.

JESUS, Fátima Weiss de. **Unindo a cruz e o arco-íris. Vivência Religiosa, Homossexualidades e Trânsitos de Gênero na Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100558>. Acesso em: 22 set. 2021.

MARIANO, Ricardo. **Expansão pentecostal no Brasil. O caso da Igreja Universal.** Estudos Avançados. São Paulo, v. 18, n. 52, p. 121-138, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf> Acesso em: 17 jun. 2021.

MATA, Sérgio da. **História & Religião.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

MOTT, Luiz. **Igreja e Homossexualidade no Brasil.** Cronologia Temática, 1547-2006. II Congresso Internacional sobre Epistemologia, Sexualidade e Violência, São Leopoldo, RS, EST, agosto de 2006.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares; OLIVEIRA, Leandro de. **Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores.** Sexualid, Salud y Sociedad. Revista Latino-americana, 2009. Vol II: 121-161. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322969007>. Acesso em: 14 set. 2021.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. **Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal.** Religião & Sociedade. Rio de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 90-121, 2010.

NOSSAS IGREJAS. **Igreja Cristã Contemporânea, website.** Disponível em: <https://www.igrejacontemporanea.com.br/>. Acesso em: 09 nov. 2021.

OLIVEIRA, Jackson Batista. **Memória e ideologia no processo de expansão da Igreja Universal do Reino de Deus.** 2019. 180 p. Dissertação. (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2019. Disponível em: <http://www2.uesb.br/ppg/ppgm/ls/wp-content/uploads/2020/03/DISSERTA%C3%87%C3%83O-DE-JACKSON-BATISTA-OLIVEIRA.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2021.

PERFIL do município de Uberlândia/MG. Análise do acesso e da qualidade da Atenção Integral à Saúde da população LGBT no Sistema Único de Saúde. Nesp, 2016. Disponível em: http://www.nesp.unb.br/saudelgbt/images/arquivos/Perfil_Uberlandia.pdf. Acesso em 27 abr. 2022.

SILVA, Aramis Luis. **Ser ou não ser em nome de Deus — notas sobre uma missão LGBTI em Uganda.** Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, v. 12, n. 12, p. 201-227, 2017. Disponível em: http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2017/08/12_Dossi%C3%AA-2_Artigo-4.pdf. Acesso em: 14 set. 2021.

SILVEIRA Emerson José Sena da. **“Religião, religiões, mais uma vez...”** In: Interações. Editorial. Cultura e Comunidade, Belo Horizonte, Brasil, V.12, N.21, p. 4-9, jan./jul. 2017.

Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/interacoes/issue/view/865>. Acesso em: 27 nov. 2022.

TAVARES, Altair. **Bancada evangélica**. Assembleia de Deus e Universal detém metade dos deputados federais. Altair Tavares, 18 nov. 2018. Disponível em: <https://altairtavares.com.br/bancada-evangelica-assembleia-de-deus-e-universal-detem-metade-dos-deputados-federais/> Acesso em: 07 set. 2021.

TEOLOGIA INCLUSIVA DESCOMPLICADA. **Os Homossexuais não herdarão o Reino de Deus? – Igreja Cristã Inclusiva**. YouTube. 03 jun. 2021. 26min41s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1ZnN166bGWw>. Acesso em: 12 nov. 2021.

TORRES, Heloísa. **‘Cura gay’ é aprovada pela Comissão de Direitos Humanos da Câmara**. G1. Brasília, p. 1-1, 19 jun. 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-da-globo/noticia/2013/06/cura-gay-e-aprovada-pela-comissao-de-direitos-humanos-da-camara.html>. Acesso em: 20 out. 2021.

Recebido em Setembro de 2022.

Aprovado em Novembro de 2022.